

Gustavo Barroso e a criação da “Casa do Brasil”

Luiz Mário Ferreira Costa*

Resumo: *O artigo tem por objetivo analisar a relação estabelecida entre Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional.*

Palavras-chave: *Gustavo Barroso; Museu Histórico Nacional.*

Abstract: *The article has for objective to analyze the established relationship between Gustavo Barroso and the National Historical Museum.*

Keywords: *Gustavo Barroso; Museu Histórico Nacional.*

Introdução

Gustavo Adolpho Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso nasceu no dia 29 de dezembro de 1888 em Fortaleza. Filho do tabelião Antônio Felino Barroso e de dona Ana Dodt Barroso¹.

Fez seus estudos nos externatos São José, Parthenon Cearense e Liceu do Ceará. Coursou a Faculdade Livre de Direito do Ceará, mas não chegou a concluir o curso. Foi redator do Jornal do Ceará entre 1908 e 1909. Em 1910 transferiu-se para a capital federal, um ano depois finalmente se tornaria bacharel, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Na capital, atuou como professor na Escola de Menores e na Polícia do Distrito Federal entre 1910 e 1912. Exerceu também a atividade de jornalista no Jornal do Commercio, de 1911 a 1913. Chegou a ser secretário na Superintendência da Defesa da Borracha no Rio de Janeiro em 1913, e da Secretaria do Interior e da Justiça do Ceará em 1914. Entre 1915 e 1918 foi designado deputado federal pelo estado do Ceará e em 1916 se tornou diretor da revista Fon-Fon.

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora.

¹ ABREU, Regina. *O paradigma evolucionista e o Museu Histórico Nacional*. In 27^o edição: *Anais do Museu Histórico Nacional* (vol. 27-1995). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional/Imprensa Nacional, 1995.

Em 1922 desempenhou um papel importante na criação do Museu Histórico Nacional, uma instituição inédita no Brasil destinada a preservar a memória nacional. Nas palavras de Adolpho Dumans, Barroso é tido como o fundador do museu:

A criação do Museu Histórico Nacional pelo presidente Epitácio Pessoa foi simples ato material. O ilustre homem de estado recebeu a inspiração dessa criação daquele mesmo que ele convidou para dirigi-la, o Dr. Gustavo Barroso².

O Dr. Gustavo Barroso foi o diretor do museu de 1922 até 1959, com exceção de um breve período que vai de 1930 a 1932. Ao analisar a atuação de Barroso à frente do MHN, a antropóloga Regina Abreu sugeriu, dentre outras coisas, que a relação entre Epitácio Pessoa e Gustavo Barroso cumpriu as normas de um ritual consagrado pelas elites políticas brasileiras. Na visão de Abreu, as trocas de cargos, privilégios e honrarias, entre os membros da elite, garantiram o revezamento da oligarquia no poder, nos anos iniciais da República. A estreita relação entre Barroso e o presidente – ambos egressos de tradicionais famílias do norte – se tornou mais forte após 1919. Neste ano, os dois participaram juntos da Conferência de paz em Versalhes³.

1- Getúlio Vargas o patrono-herói da “Casa do Brasil”

As vésperas da Revolução de 1930, o MHN atravessou um período de grande incerteza, agravado por uma crise financeira e institucional. Para piorar, o discurso revolucionário de Vargas colocava em xeque o futuro da repartição. Um dos seus slogans de campanha, era a promessa de acabar com tudo aquilo que remetesse à memória da República Velha.

Essa situação ficou ainda mais delicada, quando Barroso foi afastado da direção do Museu, em seu lugar, Vargas colocou Rodolfo Garcia. O novo diretor realizou algumas exposições, e deu início em 1932, ao curso superior de Museologia.

² DUMANS, Adolpho *A Idéia da Criação do Museu Histórico Nacional*. In 29ª edição: *Anais do Museu Histórico Nacional* (vol. 29-1997). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional/Imprensa Nacional, 1997 p.14.

³ ABREU, Regina. *op.cit.* p.07-19.

Entretanto, ao analisar a história do MHN, Daryle Willians defendeu que esta insegurança inicial sobre os rumos da instituição, foi rapidamente revertida de forma positiva. Ao que parece, nascia naquele momento, entre o presidente Vargas e Barroso, negociações vantajosas para ambas as partes.

O MHN era mantido, basicamente, pelas doações dos patronos. Esses nobres doadores constituíam uma amostra da elite política e econômica do período, que tinham por objetivo utilizar o Museu para legitimarem suas posições. Como exemplo, temos os nomes das famílias Guinle e Ottoni, a viúva de Miguel Calmon e principalmente Getúlio Vargas.

Depois que se passaram quase três décadas de doações, Vargas se tornaria o mais importante patrono do museu. Em troca disso, Barroso garantiu ao presidente a honra de estar ao lado de personagens históricos como, D. Pedro I, D. Pedro II, Duque de Caxias dentre outros. Na perspectiva de Daryle Willians, o MHN representava para Vargas uma excelente ferramenta, na construção da imagem de estadista eminente, herói nacional e patrono de museus. Um processo que o presidente poderia repetir sem maiores dificuldades, tendo a si mesmo como o principal objeto. Vargas e o Museu repetidamente contribuía para legitimar um ao outro ⁴.

O incondicional apoio de Vargas levou o MHN à “fase dourada” de sua história. Para Willians, em vários momentos, o presidente demonstrou simpatia ao escritor Barroso. Prova disso, foi a devolução do cargo de diretor e coordenador do Curso de Museologia em 1932.⁵

Obedecendo a essa patriótica finalidade, consegui organizar um estabelecimento padrão do gênero, do qual se tem irradiada uma grande influência, ora direta ora indireta incentivadora da instituição de outros museus⁶.

Em seus estudos, Willians também dá ênfase à empreitada que Barroso iniciou em busca de um “lar”, oficial e legítimo, para a história do Brasil. Tal campanha teria ocorrido em meio a um cenário bastante complicado, agravado pela instabilidade política, principalmente, após o fracasso da Intentona Comunista em 1935. Para Willians, o MHN

⁴ Idem (id).

⁵ WILLIANS, Daryle. *Sobre patronos, heróis e visitantes: o Museu Histórico Nacional 1930 – 1960*. In 29ª edição: *Anais do Museu Histórico Nacional* (vol. 29-1997). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional/Imprensa Nacional, 1997. p. 141- 187.

⁶ Ver: BARROSO, Gustavo. *Introdução à Técnica de Museus*. Rio de Janeiro. Museu Histórico Nacional. 1951.

era o lar, quase fraternal, que Barroso tanto buscava, tanto é que em 1936, empolgado com o sucesso de sua direção, propõe ao ministro Gustavo Capanema, a modificação do nome do Museu Histórico Nacional. A repartição, desde então, deveria chamar-se a “Casa do Brasil”.

Com o Golpe político de 1937 e a criação do Estado Novo, a instituição foi obrigada a realizar algumas reformas, a fim de se adequar perfeitamente à cultura política do novo governo. O que não chegou a ser, verdadeiramente, um grande problema, nem para Barroso e muito menos para o MHN.

Barroso continuava firme com a idéia de mudar o nome do MHN, e a justificativa estaria no caráter singular da repartição. Pois como em várias ocasiões foi dito por Barroso, o estabelecimento era o único de nível universitário, responsável pelo aperfeiçoamento dos estudos conexos com a história nacional. Para ele, a “Casa do Brasil” na época do Estado Novo, adquiriu uma postura específica no tratamento do patrimônio. Em outras palavras, Barroso objetivou associar a imagem do Museu a de uma casa segura, longe dos tumultos, onde a integridade histórica da nação estivesse guardada⁷.

Oficialmente o nome do Museu nunca foi alterado, no entanto, Barroso disseminou a idéia de “Casa do Brasil” com várias publicações. É fácil observar que este apelido, além de domesticar, também naturalizava a função estratégica do Museu, na construção da identidade nacional. De qualquer forma a campanha de Barroso para transformar o MHN na “casa da nação” obteve um significado simbólico em 1939, quando a instituição recebeu duas placas de bronze, numa delas estava gravado o lema “A Casa do Brasil”.

Embora o romantismo presente nos artigos de Barroso nunca tivesse sido abandonado pelo Museu, com o Estado Novo o crescimento da repartição se legitimou de outra forma. Barroso se esforçava, por exemplo, na formação e capacitação técnica de futuros profissionais. Na opinião do historiador Noah Charles Elkin, o MHN procurou adaptar-se ao Estado Novo fortalecendo os laços ideológicos conservadores, de autoridade, domesticidade e patriarcalismo⁸. O apelo romântico característico dos tempos em que escreveu o “Culto da Saudade”, foi acrescido de padrões técnicos e modernos anunciados pelo regime de Vargas.

⁷ WILLIANS, Daryle. Op. cit. 148.

⁸ ELKIN, Noah Charles. Op.cit.

Como vemos, para garantir privilégios ao Museu Histórico, Barroso enquadrou a tradicional instituição ao processo de modernização e profissionalização estatal. O curso de museus criado em 1932 foi peça central neste rearranjo institucional. A expansão das coleções também demandava maior apoio profissional à equipe de curadores. Ou seja, o Museu Histórico Nacional do Estado Novo continuou a imaginar-se a casa tradicional do Brasil, o “lar”, mas suas fundações desta vez escoravam-se na educação, na ciência e na competência técnica da repartição.

2- A marca registrada de Barroso no MHN

A fundação de um museu de história nacional, capaz de concentrar a “verdadeira história do Brasil”, era um objetivo perseguido pela elite intelectual desde o século XIX. No século XX aumentaram as discussões e os clamores neste sentido. Exemplo disso foi um artigo publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 6 de junho de 1918. Esta proposta subordinaria o Museu ao IHGB, além disso, propunha exposições baseadas em grandes coleções documentais. Porém, esta sugestão nunca foi aprovada⁹.

A produção intelectual de Gustavo Barroso se encontra na vanguarda desse movimento. Os artigos publicados no jornal do Commercio em 1911 e em 1912 são ilustrativos da iniciativa de Barroso. O primeiro sob a epígrafe de *Museu Militar* defendia que “O Brasil precisa de um Museu onde se guardem objetos gloriosos, mudos companheiros de nossos guerreiros e de nossos heróis”. O segundo texto intitulado “*O Culto da Saudade*” denunciava o descaso das autoridades políticas com a memória nacional. Sob o pseudônimo de João do Norte, Barroso lamentava-se: “O culto da saudade ainda não é para nós”:

Ouro Preto, ninho de tradições e glórias, derroca-se, esboroa-se. Ninguém escora as ombreiras de pedra bruta, as paredes desaprumadas. À festa que ali se realizou, relembrando a conjuração mineira, quase ninguém compareceu. Olinda enche-se de capim. Na remodelação da Bahia, nada se poupou. No Rio, todas as tradições se apagaram. O passado não merece consideração¹⁰.

⁹ Idem (id.) p. 126.

¹⁰ BARROSO, Gustavo. *Culto da saudade*. In 29ª edição: *Anais do Museu Histórico Nacional* (vol. 29-1997). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional/Imprensa Nacional, 1997. p. 34.

Para Barroso era indispensável à criação de um museu de história, uma “Casa do Brasil”, capaz de rememorar, sobretudo, “nossas bravas conquistas militares”. Na opinião desse intelectual o Brasil poderia finalmente resolver o problema do “descaso com nossas tradições”, desde que se concretizasse este grandioso projeto.

De maneira geral, “O culto da Saudade” de Barroso representava um apelo à opinião pública, o autor criticava a falta de interesse das autoridades com a “história nacional”. O Brasil, para ser moderno, precisaria com urgência criar um Museu histórico, para que as glórias do passado não fossem esquecidas pelas gerações futuras.

Como podemos observar a trajetória de Barroso, primeiro na criação do MHN, e posteriormente, sua atuação nos longos anos em que esteve à frente da instituição, é fundamental na narrativa que se constrói aqui. Esta análise, dentre outras coisas, pode nos informar acerca do principal debate político e intelectual travado na época, cujo epicentro dessa discussão seriam as diferentes perspectivas e teorias de Estado: todas preocupadas, em última instância, com a melhor forma de se construir a verdadeira identidade nacional.

Não poderia deixar de lembrar que, após ouvir a conferência de Plínio Salgado, Barroso filia-se a Ação Integralista Brasileira em 1933, desde então passando a acumular a função de diretor e partidário. Como “camisa-verde” erguera radicalmente a bandeira do partido tornando-se o mais importante doutrinador da AIB. Esta também foi uma fase muito produtiva na vida de Barroso. Nesta época escreveu “*O Integralismo em Marcha*” (1933); “*O Integralismo de Norte a Sul*” e “*Brasil, Colônia de Banqueiros*”(1934). Em 1935 escreveu “*O Quarto Império*”, “*A Palavra e o Pensamento Integralista*” e “*O Que o Integralista Deve Saber*” e em 1936 publicou “*O Integralismo e o Mundo*”. No ano de 1937 Barroso publicou o “*Integralismo e Catolicismo*” além de traduzir e comentar os “*Protocolos dos Sábios de Sião*”, escrever “*Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*” e “*A Sinagoga Paulista*”. Nos anos de 1936, 1937 e 1938, Barroso publicou os três volumes da “*História Secreta do Brasil*”.

Ao analisar a trajetória de Barroso, o discurso de autoridade intelectual aparece como um traço nítido de sua personalidade, seja como o diretor do MHN ou como o escritor de, por exemplo, a “História Secreta do Brasil”. Por isso acredito que as palavras do historiador Ricardo Bezaquém de Araújo talvez nos ajude a pensar a forma como foi estruturado esse discurso tantas vezes reclamado por Barroso.

Antes, preservava-se uma parcela da memória, aquela que parecia razoável, plausível aos ouvidos contemporâneos, deixando-se o resto de lado. Agora, tudo o que vem do passado começa a ser olhado com desconfiança, submetido a um contínuo e meticuloso esquadramento, num esforço que demanda tanta minúcia e erudição que termina por converter o historiador em um especialista, em alguém cujo trabalho se caracteriza pela prática de um certo método, chave da verdade e da mentira, acessível apenas depois de árduo e demorado aprendizado¹¹.

Na perspectiva de Araújo, a concepção moderna da história substituiu a “verdade ética pela verdade dos fatos”, o que teria possibilitado ao historiador Barroso escrever e se apropriar de uma autoridade, muitas vezes, inquestionável:

Desta maneira, só para usar uma fórmula cômoda, temos a passagem de uma verdade que se identifica com a ética e se opõe ao erro, para uma verdade que se confunde com o fato e deseja afastar-se de tudo aquilo que se aproxima das fronteiras da fantasia ou da imaginação.¹²

Com textos marcados pelo romantismo e o tradicionalismo, Barroso veiculava a propaganda de um novo modelo de estado, mais forte, centralizado e principalmente capaz de proteger seus cidadãos contra as ameaças internas e externas. Além disso, em posse do status de especialista no passado, Barroso de dentro do MHN proferiu um discurso nacionalista e anti-maçônico.

Afinal como ele próprio registrou, “Até hoje se escreveu a história do que se via a olho nu, sem esforço. Esta será a história daquilo que somente se descobre com certos instrumentos de ótica e não pequeno esforço”¹³. A tarefa de determinar o que mereceria entrar para a história não era uma simples função, pelo contrário, só poderia ser executada por alguém de grande talento e capacidade técnica. Sendo assim foi a partir de relíquias de heróis públicos e doadores particulares, que Barroso escreveu a história do MHN e porque não sua própria história.

¹¹ ARAÚJO, Ricardo B. de. *Ronda Noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n°1. 1988. p. 31.

¹² Idem (id.), p. 31.

¹³ BARROSO, Gustavo. *A história secreta do Brasil*. op. cit. p.15

Referências Bibliográficas:

ABREU, Regina. *O paradigma evolucionista e o Museu Histórico Nacional*. In 27º edição: *Anais do Museu Histórico Nacional* (vol. 27-1995). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional/Imprensa Nacional, 1995.

ARAÚJO, Ricardo B. de. *Ronda Noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n°1. 1988.

BARROSO, Gustavo. *História Secreta do Brasil: do descobrimento à abdicação de D. Pedro I*. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional. 1937.

_____. *Introdução à Técnica de Museus*. Rio de Janeiro. Museu Histórico Nacional. 1951.

_____. *Culto da saudade*. In 29º edição: *Anais do Museu Histórico Nacional* (vol. 29-1997). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional/Imprensa Nacional, 1997.

DUMANS, Adolpho A *Idéia da Criação do Museu Histórico Nacional*. In 29º edição: *Anais do Museu Histórico Nacional* (vol. 29-1997). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional/Imprensa Nacional, 1997.

ELKIN, Noah Charles. *1922: o encontro do efêmero com a permanência*. In 29º edição: *Anais do Museu Histórico Nacional* (vol. 29-1997). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional/Imprensa Nacional, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. *História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões*. In: SOIHET, Rachel et al (org). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

WILLIAMS, Daryle. *Sobre patronos, heróis e visitantes: o Museu Histórico Nacional 1930 – 1960*. In 29º edição: *Anais do Museu Histórico Nacional* (vol. 29-1997). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional/Imprensa Nacional, 1997.